

OS RECORTES E AS BORDAS

PRICE, Richard. *Inside/Outside: Adventures in Caribbean History and Anthropology*. Athens: University of Georgia Press, 2022. 272 p.

Sinais de fumaça dissipam vagarosamente os prenúncios de um futuro, então incerto, para que os leitores compartilhem as impressões do narrador sobre quando, como e onde tudo começou. A viagem de um jovem recém-saído de uma escola secundária em direção a um liminar Oeste dos Estados Unidos no pós-guerra. Tudo que lá se desvela é retratado como avesso de um leste moderno e cosmopolita. O interregno do cotidiano, da vida em um lar de classe média em uma metrópole norte-americana. O Oeste é o fora, a outra margem. Os momentos de vida e morte em um hospital, o encontro com uma anciã Hopi, as ansiedades diante dos limites da Terra e do céu no Vale da Morte são passadas em revista nas primeiras páginas de *Inside/Outside:*

Adventures in Caribbean History and Anthropology. Com essas reminiscências, Richard Price nos convida a navegar pelas suas lembranças e atalhos do tempo desde Coquina Key, na Flórida, paradeiro do último capítulo. Como cuidadoso historiador, suas memórias em direção aos primeiros sinais são enraizadas em artefatos. Suas memórias de infância e adolescência e seus envolvimento com a Antropologia são acompanhados de recortes. Não apenas de artefatos, que conferem ao texto uma dimensão do real – as imagens, os manuscritos, as cartas, as fotografias e as citações funcionam como evidências de que a narrativa não é puramente subjetiva.

As aventuras do jovem estudante, pianista e viajante recobrem os primeiros deslocamentos descritos

por Richard Price em *Inside/Outside: Adventures in Caribbean History and Anthropology*. Mas se, como cantou o poeta Waly Salomão, a memória é uma ilha de edição, sua escrita se assemelha a uma moviola, engenhoca analógica que enrola, desenrola e duplica tempos vividos, permitindo que os leitores se afastem e penetrem no que, nas múltiplas bordas das antropologias vividas pelo autor, Price descreve como jornadas “dentro” e “fora” da disciplina. Na narrativa autobiográfica o tempo vivido não é revisitado de forma linear. O narrador – tal qual outros escritos célebres do gênero – rememora ciente dos ardis que mobilizam sua memória. O texto flui com leveza a conduzir especialistas e leitores não iniciados a um prazeroso contato com uma escrita elegante marcada por certa ironia nas muitas reflexões sobre mundos que se transformam.

A introdução prepara os leitores para os dois primeiros capítulos dedicados à formação familiar e aos encontros com a “diferença Cultural”; “Fiquei hipnotizado por esse contato com pessoas cuja vida parecia tão fundamentalmente diferente da minha”, (p. 1). A formação de um menino e o ambiente familiar

nos anos 1940. As passagens que descrevem a infância, os interesses, as leituras, a música, os esportes, atividades dos pais e o cotidiano em família revelam singularidades. Nas autobiografias, essas reminiscências por vezes se prestam a convencer os leitores de que a formação intelectual de um autor também brota em gestos triviais, por vezes despercebidos, atenção para o que está em volta, um aprendizado constante do olhar. Mas na autobiografia de Richard Price as memórias da infância não se encerram nas páginas iniciais, tampouco a família e o seu entorno esgotam a plêiade de personagens que, muitas décadas depois, suscitam atenção e o retorno do autor, num exercício proustiano, ao começo de tudo que precisa ser lembrado e dito. Quem os desvela não é o menino, mas o antropólogo emérito da Williams & Mary College, um especialista com vasta experiência acadêmica e profissional, ciente do peso das relações familiares na feitura da pessoa. A família retratada é e, por vezes, como se um efeito narrativo, deixa de ser a do autor, pois o que nos é dado a conhecer é um tempo de expectativas que marcou as vivências de uma família de classe

média, descendentes de imigrantes judeus oriundos da Rússia em 1905. Ao mesmo tempo, Price enfatiza a distinção. Nada se assemelha a traços do que a vulgata sociológica chamou “vocação”. O antropólogo “não estava lá”, embora seja ele quem lembra e sabe com que tons desenha os espectros reanimados pelo contato com as coisas guardadas. As lembranças dos pais, as descontinuidades dos interesses, as descobertas, as perdas e o estranhamento são afetos comuns. Esse partido narrativo faz ressaltar as silhuetas da criança e do adolescente em formação sob a proteção de uma pequena rede e classe social seguida dos primeiros sopros contraculturais de uma geração. O tempo da memória é, assim, resíduo e fragmentação do que o lembrar pode fazer. E o antropólogo que rememora e cria não o faz apenas como exercício mental e com a ajuda de mementos próprios. Como se verá adiante, suas experiências em campo, as coisas aprendidas, compartilhadas e observadas, decerto moldaram a experiência de lembrar e narrar o vivido em um e outro(s) tempo(s). Não importa o que se lembra, mas como. Similar ao texto etnográfico, a vida vivida narrada nunca está pronta.

A antropologia como disciplina e prática torna-se personagem nos próximos quatro capítulos. Price nos leva a percorrer bordas ainda tênues que separam sua aproximação com as Ciências Sociais, o Peabody Museum, os seminários e os conselhos de Clyde Kluckhohn na Harvard University do final dos anos 1950. Seguindo as observações do professor, a escolha da história e da literatura como áreas de concentração, até que, o encontro com o antropólogo Evon Z. Vogt, e as leituras de ficção e filosofia o aproximassem, por caminhos inusitados, da antropologia. “O verão de 1961 confirmou meus sonhos antropológicos” (p. 33). Uma primeira viagem ao Peru no âmbito de um projeto das universidades Harvard, Columbia e Cornell inaugurava uma infindável lista de movimentos no qual a antropologia e a vida se entrecruzam, revezando os lados de uma fronteira de difícil reconhecimento. Curiosamente, o “sonho” aspirava a disciplina, a objetividade, a fidelidade das notas de campo. O antropólogo reteve a cópia de um relatório e reconhece a destreza do jovem aspirante na descrição dos dados empíricos. Dos tempos da formação intelectual – o que

se estendia aos diálogos com um eclético grupo de colegas que, como ele, se notabilizariam como importantes personagens da antropologia estadunidense no fim do século passado – das deambulações e experimentos com a psicologia e os psicodélicos em Cambridge, de repente emerge o pesquisador de campo.

Price não oferece muitas pistas aos leitores. Petit Anse, uma pequena localidade na Martinica, escolhida para uma pesquisa sobre práticas de pesca e “magia”, é a porta de entrada e acontecimento que delimita uma passagem. Ali, também, o que parece uma trilha em direção à descrição do campo num tom monográfico, controlado e atento aos equívocos (a idealização, a nostalgia, a caricatura) é pura aparência. O diário de campo e cartas a Sally (Price), a namorada, colega, estudante e doravante companheira antropóloga, não se distinguem. O tom é leve, a companhia dos pescadores e suas famílias desvelada em detalhes sobre os gestos, as tonalidades e os atravessamentos de cores, gente, peixes, redes, noites em prata, barcos e marés. Na Martinica, Price encontrou os escritos de Aimée Césaire, mas não conseguiu convencer

seus orientadores de que tinham qualidades literárias, embora neles os professores reconhecessem algum “interesse antropológico” (p. 45). A dissertação apresentada, intitulada “The Magic of the Sea: Anxiety and Ritual in Martinique”, por seu turno, foi elogiada pela quase ausência do estilo comumente adotado pelas ciências sociais (p. 47). Em outras palavras, se avizinhava a formação de um estilo próprio, porque (e não apesar) rico em material etnográfico. Onde a etnografia se faz história e literatura. Se alterada a ordem dessa relação, poderíamos encontrar as raízes do pensamento caribenho.

Entre todas as bordas que a autobiografia de Price toca, nota-se a permanência de uma pulsante indeterminação (sem longas reflexões teóricas ou notas explicativas) de estilos. A antropologia e a literatura se encontram, se enlaçam, mas mantêm certa distância. As imagens e as experiências de campo no Caribe da Martinica e do Suriname emprestaram, é verdade, as tonalidades e as imagens com as quais Price se permitiu (re) encontrar o velho Césaire na prefeitura de Fort-de-France, reconhecer figuras diáfanas nas telas e colagens

de Romare Bearden em Saint Martin, reunir com destreza quase arqueológica os objetos, os recortes de jornal e a vida de Médard Aribot e as vozes dos intelectuais da Martinica sob o colonialismo francês e, finalmente, partilhar do imaginário do xamã Saamaca, o sábio Tooy, em uma favela em Caiena (Guiana Francesa).¹ Na companhia de Tooy, o antropólogo adentrou universos multilíngues e mágicos, conheceu ontologias desveladas como derivas entre rios amazônicos e o azul de Petit Anse. As viagens de Tooy foram, também, o esboço de uma ainda tímida autobiografia, pois o antropólogo ali mobiliza sua moviola a reconhecer *wentis* e deuses avistados ou revelados por interlocutores nas matas do Suriname há muitas décadas. É ele quem inscreve, anota e alinhava seus percursos pelos rios e arquivos nas miragens e memórias do velho Tooy.

A tênue fronteira entre a antropologia e a literatura que tanto seduziu a geração de Richard Price nos anos

1 Respectivamente, Richard Price, *The convict and the colonel: a story of colonialism and resistance in the Caribbean*, Boston: Beacon Press, 1998; Sally Price e Richard Price, *Romare Bearden: The Caribbean Dimension*, Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2006; e Richard Price, *Travels with Tooy: History, memory, and the African American imagination*, Chicago: University of Chicago Press, 2010.

1980 se deparava com uma inflexão, pois, ao contrário de grande parte dos escritos dos chamados “pós-modernos”, a literatura e a história não eram outros “gêneros” e “estilos”, mas o que se revelava como modos locais de dizer e viver mundos. O etnógrafo é aquele que “recorta” e rejunta as “abstrações” contidas nas estórias contadas. Essa formulação, oriunda de um texto do antropólogo Amir Geiger em comentários sobre o tempo de Henri Bergson e a memória empresta profundidade à ideia que atravessa o livro, além de explícita no título; são muitas bordas, caminhos e bifurcações a misturar o viver e o ver o vivido. Observa Geiger,

a cultura etnografada, a cultura do etnografante e o processo da observação-participação são também, sem dúvida, abstrações recortadas. Não é que não existam cadeias biográficas e institucionais que, por assim dizer, não tragam e devolvam etnógrafos e os distribuam entre grupos concretos preexistentes; é que “na mente” “de quem” transitou entre eles, “suas” “respectivas” “culturas” são agora a transformação topológica uma da outra (e que certamente deixa resíduos).²

2 Amir Geiger, “Epílogo”. in Olivia Maria Gomes da Cunha e Carlos Gomes de Castro, *Espírito das coisas: etnografias da materialidade e da transformação*. (Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2022), p. 509.

A imensa produção sobre os Saamaka e povos *maroon* das Guianas talvez seja a nota mais marcante desta transformação, pois é a partir dos estudos sobre o tema que Richard Price – sempre ao lado da antropóloga Sally Price, coautora e esposa – se reconhece, também, como um “ativista”. Isto é, foram os anos vividos nas pesquisas de campo realizadas em meados da década de 1960 e estendidas em retornos nas décadas seguintes – até que as autoridades locais impedem que o casal de antropólogos retorne ao país – que fizeram do autor um ator. Sua atuação nas audiências da Corte Interamericana de Direitos Humanos e denúncias dos efeitos da expansão da indústria mineradora e madeireira nos territórios tradicionais, descritas em detalhes em *Saamaka Dreaming*,³ são inscrições desta transformação. A disciplina trilhada “dentro” e “fora” da academia, a vida experienciada “dentro” e “fora” da disciplina. Os escritos – sempre em coautoria de Sally Price – sobre arte *maroon* no Suriname e na Guiana Francesa também podem ser tomados como atalho. Onde a antropologia

3 Richard Price e Sally Price. *Saamaka Dreaming*, Durham: Duke University Press, 2017.

dialoga com outros leitores, mercados, interesses, debates e instituições. O encontro com os Saamaka resulta em outras trilhas nas quais nem sempre está claro onde as bordas se mostram.

Mas toda autobiografia constrói e enreda cartografia própria. Os capítulos têm nomes de lugares, pessoas, instituições, situações, retornos e desmoraamentos. Os pontos nos mapas não sinalizam inscrições de afeto e desprezo. O exercício de memória de Richard Price, deste ponto de vista, apenas replica um modelo. As junturas e desencontros nos departamentos de antropologia em Yale e John Hopkins, o encontro e apartação do antropólogo Sidney W. Mintz – coautor de um dos estudos que estabeleceu novos e críticos parâmetros para uma antropologia dos povos Afro-Americanos em meados da década de 1970⁴ – os descaminhos de uma nova geração de alunos e interlocutores o fazem retornar a uma espécie de porto seguro, dificilmente identificável na obra de Richard Price. A autobiografia nos dá

4 Em suas primeiras versões, Sidney Mintz e Richard Price, *An Anthropological Approach to the Afro-American Past: Caribbean Perspective*, Filadélfia: Institute for the Study of Human Issues, 1976 e *The birth of African-American Culture: an anthropological perspective*, Boston: Beacon Press, 1992.

a ver a leitura que o próprio autor tem de seus escritos e o papel de Claude Lévi-Strauss, professor na École des Hautes Études em Sciences Sociales nos primeiros cursos para o doutorado. O contato com o antropólogo francês é apresentado no quarto capítulo e reaparece ao longo do livro revelando sua atenção para uma outra antropologia, cabe observar, de pouca intensidade no universo acadêmico e intelectual no qual atuou nos Estados Unidos. Apresentado por Alfred Métraux, então seu mentor, o professor Lévi-Strauss o iniciou em leituras sobre etnopsiquiatria e o apresentou às clássicas monografias africanistas em francês. Sua mensagem, observa Price, “era constante: nada é mais importante do que o conhecimento etnográfico preciso – o que ele chamava ‘a ciência do concreto’ (ele tinha acabado de publicar *O Pensamento Selvagem...*)” (p. 48).

Price nos conta a reação do professor quando lhe apresentou o material coletado na Martinica e como acolheu sugestões para uma cuidadosa revisão teórica e bibliográfica sobre pesca e magia. A ilha e território colonial francês visitada por Lévi-Strauss pouco menos de duas décadas atrás, quando, depois de estadia no Brasil

e a caminho dos Estados Unidos, em 1941.⁵ Os artigos publicados na *L’Homme* (1964), “Magie et pêche à la Martinique”, e no *Caribbean Studies* (1966), “Fishing rites and Recipes in a Martiniquan Village” resultam desse diálogo e aprendizagem. Em sua narrativa, Price não apenas busca os indícios da influência de Lévi-Strauss na sua formação como antropólogo, a atenção à dimensão simbólica alcança a etnografia e a história. Um aparente e duplo paradoxo aos quais Price faz referência (p.53). O antropólogo famoso por uma reinvenção da disciplina a partir de abordagem teórica inovadora produzida a partir do material etnográfico coletado, em grande parte, por outros autores, e que se notabilizou por uma suposta aversão à história o teria não apenas influenciado, mas contribuído nas leituras que Price faria do seu material caribenho. Price se apoia em outros autores para deslindar suas orientações sobre a antropologia e a história elegendo a etnografia como o lugar da criação. A conexão com a literatura não é a única chave para entendermos esta torção em direção a uma outra antropologia – um movimento similar ao que Marshal Sahlins

5 Claude Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, [1955] 1999.

faria mais tarde –, de viés estruturalista, atenta à linguagem e aos signos. As pistas para uma releitura dos primeiros textos de Price são oferecidas aos leitores e, a partir delas, os efeitos dos diálogos com Lévi-Strauss delineiam o perfil do antropólogo.

Essa ambição – a ideia de que o conhecimento etnográfico vale ouro, bem como sua insistência em que o conhecimento etnográfico precisa ser historicizado – foi o presente mais precioso que um ancião experiente poderia dar a um jovem aspirante antropólogo, especialmente para aquele que gosta de pensar em si mesmo como um historiador etnográfico (p.58).

A Martinica não era apenas uma ilha do Caribe em meio a trânsitos intelectuais dissemelhantes, entre-meio para outras histórias etnográficas. Já no subtítulo, *Adventures in Caribbean History and Anthropology*, a autobiografia espreita a borda, o lugar em direção ao qual a narrativa aporta. Os deslocamentos narrados delineiam orientações profundas. Mas os percursos, os desencontros e os encontros ocorrem em uma espacialidade única. É o Caribe como tropo de conhecimentos, histórias, cartografias, inscrições geopolíticas, lutas

e transformações singulares – o que fornece à antropologia perseguida por Price na narrativa autobiográfica uma ‘face’. O autor plasma – sobretudo ao usar a expressão “aventura” – o estilo narrativo que ele mesmo empreendeu na descrição de personagens e interlocutores. Trata-se de uma antropologia e história *no* Caribe; é no que chamei acima entremeio (povoado pelos vários personagens que pululam ao longo do texto) que a escrita e a intervenção têm lugar. Mais do que uma narrativa autobiográfica, *Inside/Outside: Adventures in Caribbean History and Anthropology* revela um outro modo de conhecer as linhas de força, os acasos e as interlocuções intelectuais que ocorrem na segunda metade do século XX, quando um antropólogo estadunidense investe em temas e gêneros de história etnográfica num contexto de rica produção intelectual. Para além das experiências das mulheres e dos homens e o lugar da imaginação nos modos de criar socialidades no Caribe, há a proliferação de conhecimentos, teorias e filosofias sobre os conceitos que estas experiências produziram. Diante de ambos, o investimento torna-se diálogo. As releituras de Price de autores como

Césaire, Édouard Glissant e Derek Walcott, e as palavras de interlocutores nas notas etnográficas sobre pessoas

como Emilien, Tooy e outros, se transmutam em uma narrativa de atores e autores múltiplos.

Olívia Maria Gomes da Cunha



Universidade Federal do Rio de Janeiro

doi: 10.9771/aa.v0i68.57778